

Maioria das unidades da USP ignora atos e greve

Em 20 unidades, rotina não mudou; paralisação começou em 5 de maio

**Renata Cafardo
Simone Iwano**

Na última terça-feira, enquanto o crítico literário Antonio Candido pedía "atuem, exagerem, sejam justos e injustos" a centenas de estudantes na Faculdade de Geografia da Universidade de São Paulo, a biblioteca da Medicina também tinha lotação quase esgotada. Era a semana que antecedia as provas finais do semestre. Livros grossos de anatomia, fisiologia, imunologia cobriam as mesas. "Por que mesmo a USP está em greve? Você sabe?", perguntou ao colega do lado o estudante do 4º ano de Medicina Marcelo Kohara, de 23 anos, ao ser abordado pela reportagem.

Outro falou em salário, educação a distância, "fora rotina", mas Marcelo estava mesmo preocupado com cirurgia de câncer de pulmão.

Paralisação está concentrada na FFLCH, parte da ECA e Educação

O Estado percorreu na semana passada as 20 principais unidades da USP da capital, dentro e fora da Cidade Universitária, e também o campus de Ribeirão Preto. Em praticamente todas, aulas eram dadas, professores preparavam provas, funcionários seguiam com suas funções.

Na USP toda são 104 mil professores, entre estudantes, professores-funcionários. Na quinta-feira, o equivalente a 1% desse total, segundo a PM, estava na

Avenida Paulista para defender a greve, que começou no dia 5 de maio com o sindicato dos funcionários. Na mesma tarde, no Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas, por exemplo, alunos saíam de aulas e estudavam para as provas finais.

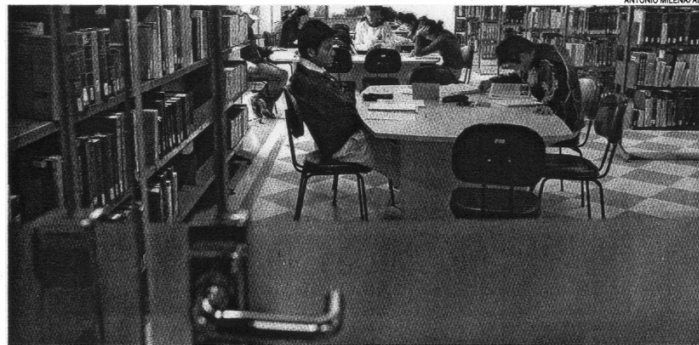
"Acho que os grevistas querem voltar a uma época que não existe mais. Todo ano é a mesma coisa. Acho que agora já virou férias para eles", diz a estudante de Geofísica Natália Costa, de 20 anos, que tinha acabado de assistir a uma aula no Instituto de Física. "Eles deviam pensar em protestos mais inteligentes, sem violência."

Na terça-feira, Carlos Magno do Sindicato dos Funcionários da USP, havia qualificado os piquetes como "uma arma histórica dos trabalhadores".

Do outro lado do câmpus, na Faculdade de Educação Física, um trio de alunos do 3º ano chegava para estudar – eles tinham agendado um encontro com outros colegas para terminar um trabalho por volta das 16h30. "Aqui nunca tem greve", contou Alessandro Souza, de 22 anos. A unidade encerra o semestre na semana que vem, com a entrega de trabalhos.

No estacionamento da Escola Politécnica, por volta das 11h30 de quarta-feira, véspera do protesto na Paulista, era difícil achar lugar para estacionar o carro. Classes, pátio e restaurante estavam cheios. Os calouros Heitor Reis, Leonardo Kikitani e Felipe Romano preparavam uma maquete.

"Lá na FFLCH eles têm as disciplinas greve 1, greve 2, greve 3. Brigar com a PM é tese de doutorado", brinca Felipe, de-



ROTINA - Na biblioteca da Faculdade de Medicina, alunos estudam para as provas; realidade é semelhante em outras unidades da USP

A UNIVERSIDADE DIVIDIDA



mostrando a antiga rivalidade entre Politécnica e Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Para Rafael Lupieri, de 20 anos, os grevistas não têm argumento, só querem fortalecer o movimento estudantil conforme a lógica de partidos de extrema esquerda. "O curso é corrido. A gente não pode parar", diz Felipe Andrade, de 18 anos. Os funcionários também trabalham. "Só na biblioteca tem gente em greve", conta Simone

Dias, assistente de limpeza, que limpou o chão. "Aqui vai parar também? Bem que eu podia ficar uns dias em casa", pergunta a colega Adriana Nunes ao saber que a reportagem questiona sobre a paralisação. À noite, por volta das 20 horas, os corredores da Faculdade de Direito do Largo São Francisco estavam vazios. Não por causa de greve, mas pelas provas de fim de semestre. "Acabamos de fazer uma prova sobre

legitimidade e representatividade, e esses grupos não têm nenhum dos dois", diz Jéssica Martins, aluna do 1º ano. "É minoria. Até vieram aqui pedir nossa adesão, mas não concordamos", completou Marlon Lima, colega de classe de Jéssica, que dizia não se sentir representado pelo Diretório Central dos Estudantes. "Acho que, como os argumentos deles são fracos e não nos convencem, eles partem para o uso da força." No dia

seguinte, a faculdade amanheceu fechada para evitar invasões dos manifestantes que encerrariam ali a passeata que começou na Avenida Paulista.

No dia anterior, no prédio de Ciências Sociais, na FFLCH, o professor Rogério Arantes enviava política comparada. Uma aluna grevista avisa que a decisão da assembleia é a de que não haja aulas e, se isso não for respeitado, haveria piquete na sala. Arantes decide recuar. "Em nome da integridade de vocês, já que existe uma posição de impedir que a aula seja dada, ou pelo convencimento ou pela força, eu vou parar. Lamento que as coisas nessa universidade estejam sendo feitas dessa maneira. Isso aqui é um convite à violência, mas eu não vou aceitar."

Para uma das estudantes que participavam da paralisação, "assistir aula é ferir o direito da maioria que optou pela greve". "A greve não atrapalha as aulas, e sim a estrutura", disse outra aluna, referindo-se à falta de infraestrutura para o ensino público. Um pouco mais cedo, por volta das 12 horas, um grupo grevista invadiu o bandeirão do prédio de Química, o único em funcionamento por ser terceirizado. Gritos de "fora grevistas" contrastavam com "fora PM". "Todo mundo tem direito a manifestar sua opinião. Mas não prejudicamos quem discorda. A maioria aqui não está em greve", diz Maíra Nishino de Abreu, de 20 anos, aluna do 1º ano de Farmácia. "Eu como nesse bandeirão todo dia. Já estava difícil sem o ônibus circular, agora ficará ruim para comer também." ■

COLABORARAM ELIDA OLIVEIRA E BRÁS HENRIQUE

'A ideia de que posso escolher dar aula é vista como indigna'

Professor da FFLCH que teve sala de aula invadida diz que é preciso respeitar diferença de opiniões

Os avanços democráticos, o individualismo e a falta de boas causas afastam a maioria dos jovens atualmente do movimento estudantil, diz o diretor do Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas da USP, José Alvaro Moisés. "Além das causas não conquistarem corações e mentes, a maioria dos estudantes ainda discorda dos métodos, como a violência e o constrangimento", afirma ele, que é professor da disciplina de Cultura Política e Democratização na FFLCH.

Sua aula na faculdade foi invadida no dia seguinte ao confronto entre alunos e policiais militares no câmpus. "A ideia de que eu posso escolher dar aula, que sou servidor público e sou pago para isso é vista como algo errado, indigno", completa ele, que participou intensamente do movimento estudantil na ditadura. "Professores e alunos eram preocupados em entender o argumento do outro."

PREOCUPAÇÃO COM TRABALHO Moisés também acredita que muitos alunos se preocupam com o ingresso no mercado de trabalho. "O aluno precisa terminar o semestre, tem preocupação com a proflissão e isso é absolutamente legítimo." Para ele, algo parecido ocorre com professores que não aderem à greve ou não participam de manifestações. "As pessoas estão envolvidas em pesquisas, em

Pesquisa chega a 7 mil votos

... A pesquisa online sobre a greve, criada pelo aluno da USP Leste Anderson Valtriani Siqueira, chegou a mais de 7 mil votos na noite de sexta-feira. Cerca de 80% dos alunos se posicionam contra o movimento. Por causa do grande número de votos, Siqueira não está atualizando automaticamente os resultados. Um recado na página de pesquisa (<http://greveuspresultado.dnsalias.com/>) avisa que, por causa da checagem que é feita sobre cada votante, o trabalho agora

está mais lento. A pesquisa pede o número USP (matrícula) e o e-mail da universidade para todos que votam. Cerca de 55% dos votantes se disseram favoráveis à ação da Polícia Militar na Cidade Universitária. Mas unidades como FFLCH, USP Leste e ECA têm a maioria de seus estudantes contrários, segundo a pesquisa. A Poli e a FEA são as faculdades em que os alunos mais se posicionaram contra a greve. ■ R.C.S.

CRONOLOGIA

- 5 de maio: Funcionários entram em greve
- 25 de maio: Alunos invadem a reitoria
- 1º de junho: PMs liberam entrada bloqueada de prédios. Bloqueio é retomado
- 9 de junho: Grevistas fecham portão. Há confronto com a PM
- 18 de junho: Grevistas fazem passeata na Avenida Paulista
- 19 de junho: Alunos contrários à greve fazem protesto

atender alunos, não têm tempo para causas que eles não consideram tão fortes."

Outro fator que pode distanciar boa parte dos estudantes das manifestações grevistas é a influência de partidos políticos de extrema esquerda - PCO, PSTU, PSOL, além da central Conlutas - por meio de estudantes filiados e simpatizantes e da direção do sindicato dos funcionários. Essa presença, longe de formar um grupo organizado, pode ajudar a dispersar os alunos, já que os partidos acabam disputando entre si o controle do movimento e da pauta de reivindicações. ■ R.C.S.